

Vida Alentejana

SEMANARIO AGRICOLA // PECUARIO // TURISTICO DE COTAÇÕES

Editor: ANTONIO BELEZA
Propriedade da Empresa em organização: ALENTEJANA-EDITORIA

DIRECTOR
PEDRO MURALHA

Redacção, Administração e Oficinas:
R. DA ROSA, 105—Telef. 2 1622—LISBOA

○ nosso empreendimento

De entre a correspondência que temos recebido de aplauso ao nosso modo o semanário *Vida Alentejana*, uma carta nos trouxe o correio que bastante nos entusiasmou.

É porque essa carta é firmada por uma individualidade que marca no nosso meio literário e jornalístico, sendo já hoje considerado, e sem favor, uma das primeiras mentalidades portuguesas.

Queremo-nos referir ao sr. dr. Bento Carqueja, o benemérito director do *Comércio do Porto*. E dizemos benemérito porque em todo o país é o jornal diário que mais se tem preocupado com actos de beneficência, abrindo crèches, bairros economicos, etc.

A carta do sr. dr. Bento Carqueja traduz bem uma grande recompensa do esforço que estamos fazendo para dotar a nossa querida provincia, com mais uma publicação periodica destinada a propagar as belezas do Alentejo e a defender o mesmo das asneiras que constantemente se lançam.

Que nos perdõe o illustre director do *Comércio do Porto* se divulgamos a correspondência trocada entre nós, mas orgulhou-nos tanto a sua carta que não resistimos á tentação de a deixarmos aqui arquivada, assim como a resposta que demos a essa carta.

Segue, pois a carta do sr. dr. Bento Carqueja; assim como a respectiva resposta:

«Porto, 4 de Fevereiro de 1934

Meu presado amigo

«O seu semanário *Vida Alentejana*, acho-o muito interessante. Assim, peço-lhe para estabelecer permuta com a nossa publicação *O Lavrador* apesar dela ser quinzenal.

«E também peço autorisação para transcrever do seu jornal algumas cotações de produtos agrícolas e gados.

«Agradecendo, creia-me com a maior estima, colega e amigo obg.»

(a) *Bento Carqueja*.

«Lisboa, 7 de Outubro de 1934.

Meu presadissimo amigo

«Tive o grande prazer de receber a sua carta de 4 do corrente que penhoradissimo agradeço. Já dei instruções para que a minha modesta *Vida Alentejana* seja enviada ao seu bem reuigado *Lavrador*, permuta que bastante me honra, assim como as transcrições que me pede das cotações de produtos agrícolas e pecuários.

○ MUSEU AGRICOLA

○ que nos disse um grande amigo do nosso Alentejo

Parece um paradoxo mas não é. A ideia da criação no Alentejo do Museu Agrícola, assunto que tratamos no nosso segundo número tem merecido os maiores aplausos, mas de pessoas que não são alentejanas. Ainda ontem recebemos a seguinte carta:

Meu querido amigo:

Só há dois dias chegaram à minha mão os primeiros quatro números do interessante semanário *Vida Alentejana*.

Ainda que pouco valha a minha opinião,

«Devo no entanto informá-lo de que esse serviço não está ainda devidamente montado. Quando a *Vida* tiver... vida propria isto é: quando a receita deste pequeno semanário cobrir as suas despesas, e que eu possa pagar devidamente a empregados que tratem dessa secção, então sim, que as cotações constituirão uma secção não só interessante mas bastante útil a todos os nossos lavradores. Até lá porém, temos que nos servir da gentileza de amigos, na sua maioria sem tempo disponível para poderem satisfazer o nosso pedido.

«Em todo o caso se lhe servem essas informações ainda que incompletas pode o meu Ex.º amigo dispôr das mesmas como melhor lhe parecer.

«Sem outro assunto, subscrevo-me com a máxima consideração e estima, o

Colega Mt.º Recd.º,
Pedro Muralha».

permita-me que o felicite e lhe diga que *Vida Alentejana* é o prolongamento natural do *Album Alentejano*.

Este serviu para catalogar as belezas e riquezas alentejanas, registando, ainda que a traços largos, o colorido dos diferentes aspectos do seu riquissimo folclore e pena é que elle não tenha abrangido a música, que bem ficava ao lado dos trechos selectos de prosa e poesia alentejanas, que o meu querido amigo com tanto carinho focou.

Agora é *Vida Alentejana* que vem prestar à provincia novo e relevante serviço.

Mas não só ao Alentejo o semanário vem servir, porque é todo o país que elle serve quando ditunde os ensinamentos mais úteis que a experiência deu a alguns e que estes, graciosos, gentil e fraternalmente, põem ao dispôr de todos, mas ainda quando faz a propaganda das belezas do Alentejo, quando informa ou, ainda, quando orienta e defende os interesses regionais.

Porém, o que me leva especialmente a felicitá-lo é ver sempre em marcha a sua fertilissima e progressiva imaginação na ânsia permanente de bem servir o Alentejo.

Com effeito, o meu querido amigo logo no n.º 2 de *Vida Alentejana*, alvitando a criação da *Associação Rural Alentejana* e do seu *Museu*, lança à terra nova semente, que bem pode ser fonte cultural e causa de progresso.

Esta idéa, tão simples, é simplesmente formidável pelo alcance enorme que encerra; enorme pelos serviços incomensuráveis que pode prestar, incomensurável pelas consequências incalculáveis que deve ter e tão grande, tão grande que o simples enunciado basta para que a provincia lhe deva já ser grata, pela sua aspiração de ver realizada tão útil obra.

Todavia, parece-me estranho que os n.ºs 3 e 4 do seu jornal façam silencio sobre o seu alvitre, e, por isso, me permito dizer-lhe que não deve abandonar o propósito de promover a organização da *Associação Rural Alentejana* deve obter o patrocínio de Sua Ex.ª o Sr. Ministro da Agricultura, cujo acendrado patriotismo e grande conhecimento e interesse pela Agricultura não recusará à sua idéa o bom acolhimento que ella merece, e, forte com tal apoio, o meu querido amigo, com a persistência que o caracteriza, aliada à sua hábil acção, fará rapidamente a organização precisa ao triunfo do propósito da fundação da *Associação Rural Alentejana* e do seu *Museu*.

(Continua na pág. 8)



Mulheres alentejanas

FALAM OS PRÁTICOS

A opinião do maior produtor de trigo do concelho de Ourique

O sr. Joaquim da Silva Brito Pais é o lavrador de Monte Negro, e o produtor de trigos mais importante do Concelho de Ourique, ainda que a sua produção no Concelho de Odemira seja também muito importante. E' o nosso entrevistado de hoje. E foi no Porto no dia do encerramento da Exposição Colonial que o abordamos sobre o assunto, a uma mesa de café na Praça da Batalha.

— Parece isto impossível, meu amigo, me disse Joaquim da Silva, Nem a 100 léguas de distância tenho que deixar de pensar e falar na lavoura.

E fitando-nos com uma certa indignação misturada de súplica, diz nos: « Tenha dó de mim. Eu fugi do Monte Negro para durante 3 dias não pensar na minha grande labuta.

— Mas meu querido amigo, são apenas 10 minutos de conversa. Depois, vamos gozar as belezas de Leixões.

E foi em presença desta promessa que o nosso amigo, sorrindo, nos disse:

— O que deseja então saber.

— Há quantos anos faz lavoura?

— Há 30!

— As suas terras são de barro?

— Não, infelizmente. São de 3.^a qualidade!

— Diga-me: Como faz a sua lavoura? Quais os seus processos de cultivo? Em que meses faz os seus alqueives?

— Faço os alqueives nos meses de Janeiro a Abril. Se não chove, o alqueive que faço é atalhado algumas vezes. Depende das circunstâncias, isto é; o alqueive após 2 a 3 meses é atalhado visto já ter tempo de curtir. A chamada lavoura de atalho deve ser sempre mais funda e mais espaçada.

— E' de opinião que se deve deitar à terra semente em abundância?

— Em terras descansadas, não! Mas nas terras novas, e neste caso estão as minhas, pois apenas têm 2 ou 3 anos, essas, a meu ver necessitam muita semente.

— Como assim?

— Isto para fugir às mondas que são difíceis fazer por falta de pessoal. Necessitamos aquecer com trigo essas terras.

— E sobre adubação?

— Antes da sementeira dou-lhe uma ou duas gradagens. Depende da humidade da terra; geralmente, se o tempo vai seco em Dezembro e Janeiro dou outra gradagem sobre o trigo, o que muitos dos meus colegas reprovam,

mas que a prática me tem aconselhado a que o faça.

— A sua opinião sobre o regime das ceifas, concorda com as ceifeiras?

— Absolutamente.

— E com as ceifas de empreitada?

— Apesar de ter gado suino pouco poderia aproveitar do desperdício que as empreitadas sempre dão. Consequentemente condeno absolutamente essa forma de ceifa.

Mas lembre-se que já diziam os antigos « quando não vai à eira vai à feira ». Concorda com este aforismo?

— Nem sempre. O gado que engordaria por esse processo, só se fosse imediatamente à feira, do mal o menos; sempre alguma coisa se aproveitaria. Mas é gado que tenho para trabalho, isto é, para conservar, e conseqüentemente, sob o ponto de vista económico é negativo.

— Com os seus processos de cultivo, qual a média da sua produção no último trienio? Em 1932 colhi em média 18 sementes; no ano seguinte, bem mau por sinal, apenas obtive 12, e no ano corrente, não sei ainda porque não concluí a debulha, mas não deve ser inferior a 1932, isto é, nunca verei ter menos que 18 sementes.

— E para colher tão boas médias, qual a qualidade de sementes que emprega?

— Várias! A princípio da sementeira emprego trigos moles, menos precoces. No fim emprego trigo moles mais precoces...

— Mas que variedades? Trigos moles: Temporão, Coruche, Ideal, da Grécia e Mentana. Trigos rijos: Raspinegro e tremês preto. Há porém um trigo médio. E' o Argelino.

— O que lhe tem dado melhor resultado?

— Em número de sementes, o temporão de Coruche (mole), e o Raspinegro (rijo).

— E sobre peso específico?

— O Ideal e o da Grécia. Olhe ainda o ano passado na delegação de Ourique foi o meu trigo que maior peso específico obteve em todo o concelho.

— Sendo assim, para que semeia outras qualidades do trigo?

— Porque aproveito as oportunidades da maturação visto não ser todo da mesma qualidade. Por exemplo; o mentana vem, a sua maturação é claro, em Maio enquanto o Raspinegro só vem nos fins de Junho.

— Como faz a sua desinfecção de trigos?

Faço-a a seco com o pó Cafáro.

— E porquê?

— Porque a prática me tem demonstrado que a semente nestas condições nasce melhor e a desinfecção fica mais completa.

— Está satisfeito com as médias de sementes que tem conseguido?

— Nos últimos três anos, sim.

— Porque sim?

— Porque devido às qualidades das terras e à quantidade de sementes que emprego por hectare acho que a produção é muito apreciável.

— E nos anos anteriores?

— Uns bons, outros regulares, outros menos e ainda outros péssimos. Por exemplo, em 1930 apenas colhi 4 sementes, e isto porque a primavera foi demasiadamente seca e fria.

— De modos que...

— Só o mês de Abril resolve o nosso problema. Mas... vamos para Leixões.

Aviso importante aos produtores

Os produtores são obrigados a fazer o manifesto até 15 de Novembro, de milho de sequeiro, arroz, feijão, batata de regadio e vinho; desde 1 de Outubro a 15 de Fevereiro, de milho de regadio e de azeite.

O manifesto é feito nas freguesias onde foram produzidos devendo ser assinadas pelo próprio, ou por alguém a seu rogo, autenticando a assinatura o regedor.

Balneario de S. João do Deserto

ALJUSTREL

Com alojamentos para doentes

Propriedade da Junta de Freguesia de Aljustrel — a dois quilómetros de distancia da Vila e cerca de três da estação dos Caminhos de Ferro.

Águas medicinais com a seguinte classificação: *Fia, Hypersalina, Sulfatada, Ferrea, Cubica e Arsenical.*

Utilisada com grande éxito na cura das doenças de pele e úlceras antigas.

As minhas considerações

Se pretendermos que o Alentejo ocupe no concerto das provincias portuguezas, o lugar merecido por seus recursos, há necessidade de dizer aos alentejanos a verdade, instigando-os à prática de modernas directrizes.

A vida do Alentejo move-se ainda hoje numa sonolência que, se em Julho tem justificação na hora da sesta, em Dezembro quadra igualmente no aconchego da chaminé, com os madeiros estalando sob o domínio do fogo, lanternas mil acendendo avermelhadamente vivas, estonteadoramente perturbantes. Mas no entanto...

Acêrca do carácter de região de trabalho, o Alentejo é bem o celeiro de Portugal, enorme, duma prenhez única, o sobreiral imponente lembrando arcaria de catedrais, a ceifa sob as brazas altas do sol, a adiafa do senhor fulauo, à noitinha, quando a geada vai formando a sua cama extensa e branca.

Documentando qualidades artisticas e de



José de Almeida

sentimento, o Alentejo é o cantar das planuras, demorado, amante sempre, terno como talvez nenhuma outra melodia, julgando nós que pretende com a lentidão característica das caminhadas enormes, transpor de lés a lés a solidão das terras.

Mas essa canceira ao sol de Agosto, a apanha da azeitona com as mãos engadanhadas, a saúde dos cânticos, a grandeza dos horizontes quietos e mudos, os caminhos do lá vem um, criam o fatalismo da modorra, a tara do individualismo, o costume do amanhã, o saudosismo que enovela e prende, tudo nos dando o aspecto duma vida arrastada, como de penitência, de reza, de encantamento místico.

Se verifico o próprio — eu — reconheço que nos tempos de menino e moço, também fui assim. Chorei por dez réis de mel coado ou, mais compreensivelmente dizendo, no tocante a emoções simples; fiquei sereno em face às grandes dores; lancei os olhos e prendi-os nas perspectivas extensas; absorvi-me, íntegro, na vida do meu Alentejo recolhendo as suas qualidades de franqueza rude e pronta, os seus defeitos de morno quebramento de energias. Hoje, ainda muito tenho do antigo hábito. As qualidades, talvez a ronda dos anos, o péso dos cuidados, a hipocrisia das relações mundanas, as vão diminuindo, sem atingir a eliminação. Aos defeitos, também a luta pela vida em terra estranha, o ambiente social vasto, o exemplo febril do movimento, um tanto os desgastou, quero querer.

Mas alentejano sempre. alma larga como os campos do trigo, sonhador impenitente embora saiba de cabelos brancos a anunciar descidas que só acabam nos sete palmos da cova, os acontecimentos deram-me a consciência da época em cujos ditames vive quem vida efectiva pretenda ter.

O Alentejo, trabalhador, operoso, o que se queima nos verões por ceifas e debulhas e regela, em dias de inverno, na faina da azeitona, não tem a culpa primaz da morosidade do seu viver. O regime da grande propriedade, talhando extensos domínios e fabulosas fortunas, quieta a existência geral. O senhor da terra, abundantemente fornecido de haveres, estadeira por Lisboa, senão por Paris ou outras estancias de goso, o seu snobismo de milionário. E os montes deixam, por vezes, de se concertar, a terra dorme um sono que desconhecera se outro fosse o detentor, e o comércio das aldeias, das vilas e das cidades atrofia-se, define, tem quietações de estagnamento, prenúncios de mortalha nalgum edital das justiças anunciando moratórias ou falência.

O aforamento, cujos exemplos de milagrosa transformação, aqui, além, se patenteiam, pode modificar, para já, um tanto, o modo de ser da vida alentejana. A água falta mas buscada convenientemente, com a persistência de quem a procura para matar a sede da boca, acabará por se encontrar. E onde não surja, onde o regime de sequeiro tenha apenas guarida, a acção científica do trabalho indicará o sistema do esforço humano.

Indústrias subsidiárias da vida agrícola, por mercê de utensílios exigidos e por motivo de produtos criados, cabem, decerto, em larga escala, na labuta da minha provincia.

De onde se mostra que pode o Alentejo transformar-se se os filhos legítimos, e os adotivos que os possui de muito saber e amor, ombros meterem a essa transformação.

Princípio essencial — o associativismo. Não jogam certo as energias dispersas. O quantitativo do esforço, medido por indivíduo, atinge mediocre altura. Mas tal quantitativo a outros cumulado, ascende a prodigiosos limites. Empresas grandes como esta do enquadramento alentejano no concerto progressivo da economia nacional, dependem de uma acção geral, cujos resultados benéficos a todos alcancem. O regionalismo pode conduzir o movimento que a ninguém agride, a ninguém perturba. Nas camadas mais avessas ao entender de certas idéias de organização colectiva, já hoje não faz mossa o princípio de que o interesse individual ao da chamada grei se subordina. E numa recente enciclica papal, documento superior pela qualidade do firmante, reconhecendo-se o direito de propriedade, admitem-se-lhe restrições se houver lesão de tomo nos vastos aglomerados humanos.

Demasiada aspiração, portanto, a de pretender sujeitar domínios extensos e de cultura reduzida, ao regime do parcelamento, colonizando certas zonas, proporcionando a criação de famílias, aumentando o volume da riqueza, pondo notas de encanto nos tractos aridos do solo alentejano? Elementar aspiração, antes assim se julgue, remédio para males de hoje, mésinha antiquada porventura nuns outros dias por vir. Mas, acentuemos, remédio para agora porque o doente vai mal e a receita, sem recurso a laboratórios estrangeiros, bem pode ser aviada na botica do regionalismo: bom senso, dez grammas, persistência outras dez e mais a água do poço que fôr de uso em casos tais.

JOSÉ DE ALMEIDA

Conhecimentos úteis

Calendário hortícola

MÊS DE OUTUBRO

Durante o mês corrente deve-se semear: Agrião de agua, alface, alho francês, bróculos, cebolas, cenouras, coentros, couves de várias qualidades, ervilhas, favas, morangos, nabos, rabanos e rabanetes, repolhos, salsa e segurelha.

Floricultura

É durante o mês de Outubro que se cultivam: Açafates-de-prata, amores-perfeitos, assembleias, begonias sempre-em-flôres, bocas de lobo, calceolarias, calendulos, casadinhos, calavreas, chagas, ciclames, cinerarias, clarquias, coelinhos, cravinas, cravos dobrados e da china, ervilhas de cheiro, esporas, estrelas-do-Egito-flo, galhardos, goivos, gotas de sangue, lembra-tz-de-mim, lencauteumo, linho encarnado, lobelias, mal, mequeres anuais e de palha, malvaiscos, maravilhas e Margaridas.

Escola Popular Regionalista de Ervidel

Recebemos o schema desta importante Escola que em Ervidel se ergue imponentemente a atestar os sentimentos altamente regionalistas de um alentejano. É o sr. Coronel Mourão a quem pedimos o favor de nos indicar onde lhe poderemos falar.

Vimos em Lisboa

De *Campo Maior*. Srs., dr. José da Silva Telo Rasquilha e José Gama.

De *Aljustrel*. Sr. Mario Rabalo da Cruz.

De *Mertola*. Srs. Francisco Antonio Vargas e José André Gonçalves.

De *Beja*. Srs., Dr. João Pulido e Virgílio Cadoso.

Luz electrica no Alentejo

Foi autorizado um empréstimo interno á Câmara Municipal de Ourique para a instalação da sua rede electrica sendo a energia fornecida pelas Minas de Aljustrel por intermédio da Câmara de Castro Verde.

Tambem a freguesia de S. João de Negrilhos, vulgarmente conhecida por Montes Velhos, vai ter luz electrica devido aos esforços do sr. Abilio A. O. Pinto, presidente da Câmara, estando já elaborado o respectivo caderno de encargos.

OS MONTES



Entrada no Paço da Quinta

Uma das grandes belezas alentejanas é os seus montes. E todavia os montes alentejanos são quasi desconhecidos pelos povos do norte do país, ou se o são ainda se julga que o monte alentejano é uma sordida barraca de telha vã, onde dormem, no mesmo compartimento, a família do lavrador, o porco, o burro e as galinhas. Faz-se um juízo muito errado do que seja o monte alentejano, mas o monte moderno, com todos os seus progressos, e onde se encontra todas as comodidades exigidas por uma civilização.

Desejamos focar aqui na *Vida Alentejana* todos os diversos aspectos da nossa provincia. Já aqui focámos a indumentaria das diferentes regiões do Alentejo. Hoje, queremos referir aos *Montes* que no Alentejo mais nos ferira a nossa sensibilidade. Julgamos que o proprio alentejano, na sua maioria, desconhece o que sobre o assunto existe pela a provincia e que muitos denominam por charneca alentejana.

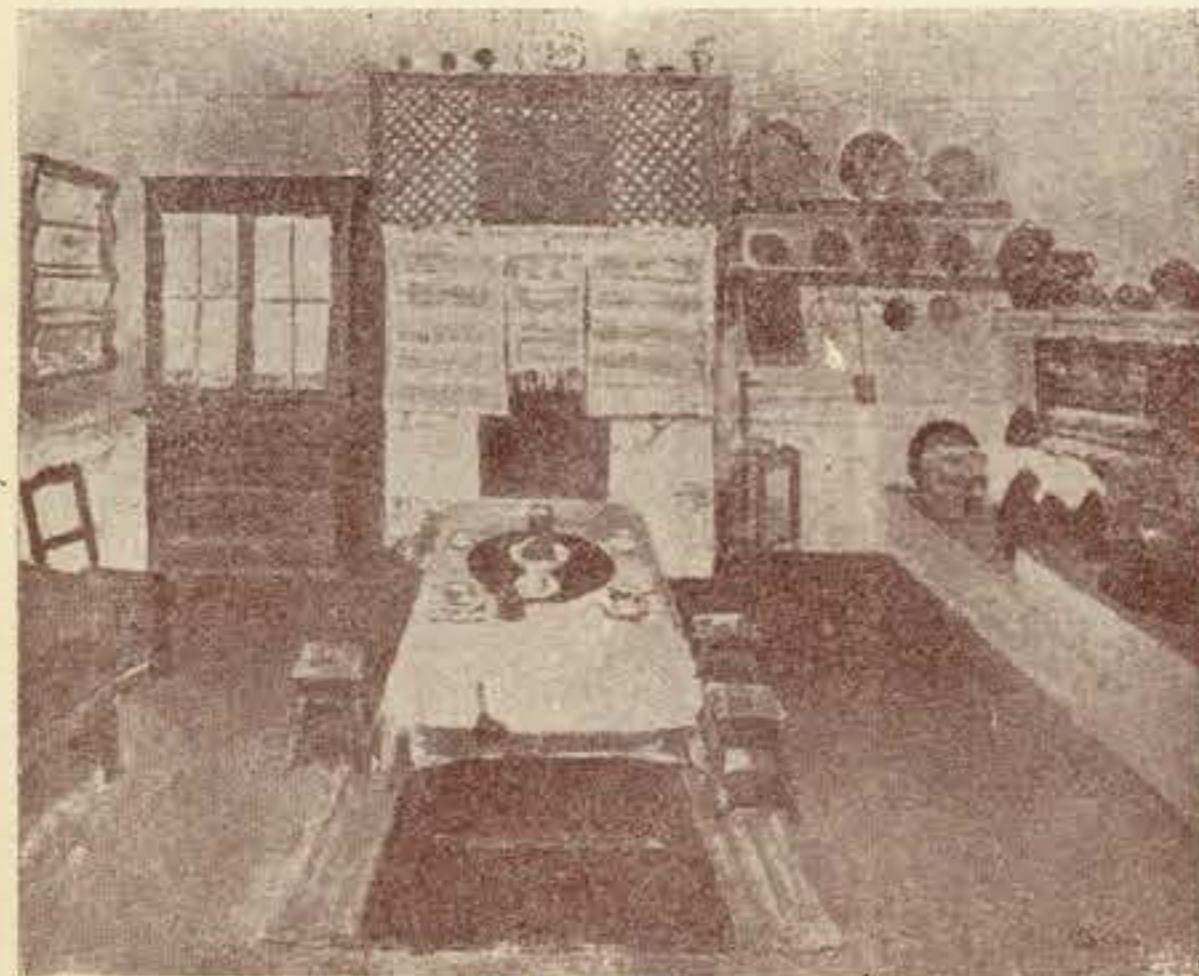
Principiaremos por nos referir ao Paço da Quinta no Concelho de Evora e perto da trabalhadora vila da Azaruja. E' o Paço da Quinta, principalmente na sua parte interior um deslumbrante ninho de arte, construido por uma senhora, que é uma autentica alma de artista. Adentro desse santuario de beleza tudo que respiramos é arte, mas arte que nos fere a sensibilidade porque nada que mais nos acarinhe

após os frios ou os calóres propios das estações encontramos um lar com todas as comodidades que suavizam a nossa sensibilidade.

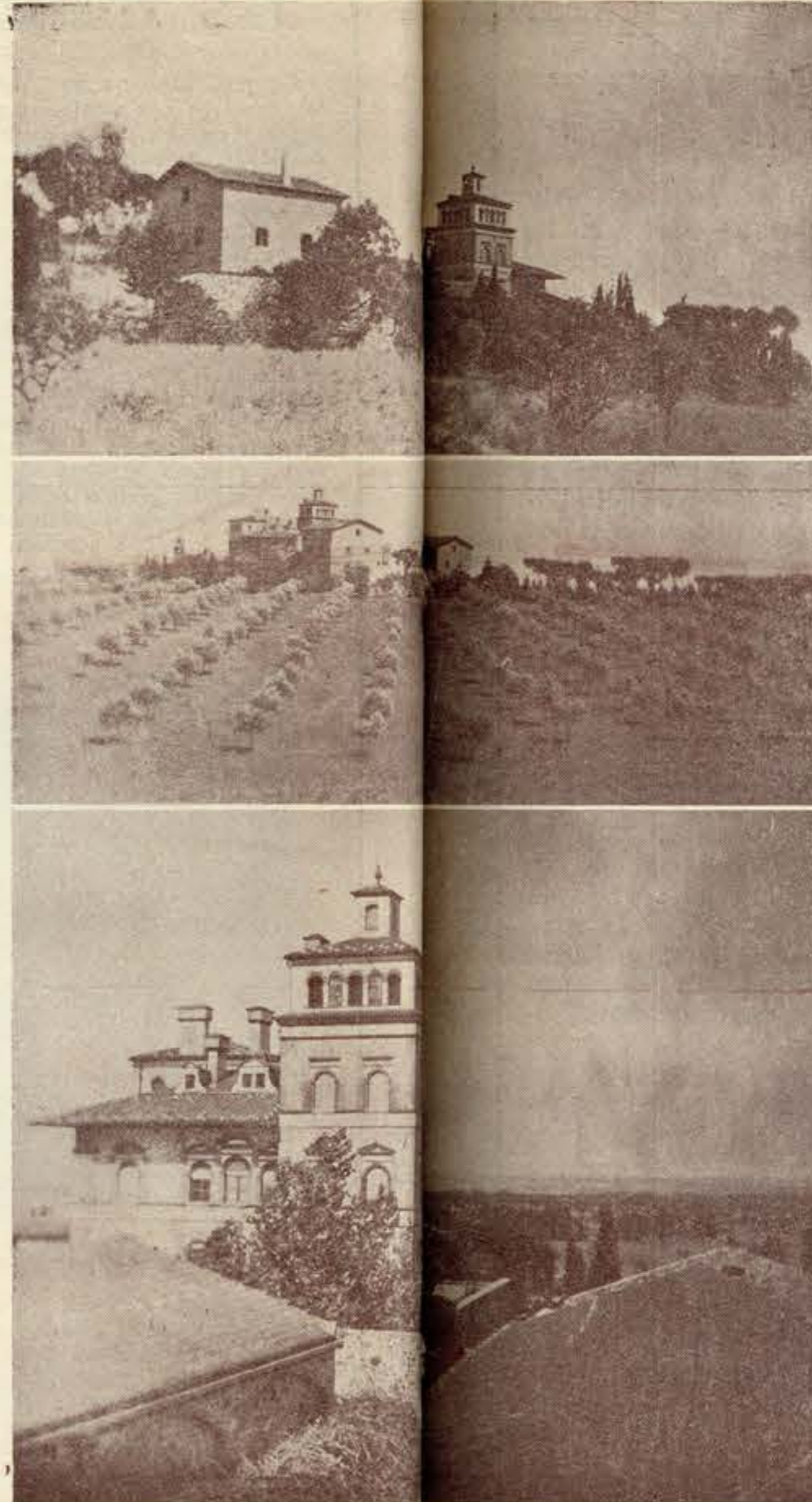
A Ex.^{ma} Senhora D. Leonor Barahona Caldeira conseguiu transformar em realidade um belo sonho, construindo um lar que é um autentico paraíso nessa... *charneca alentejana*.

Mas se formos ao concelho de Arronches encontramos outro lavrador artista que se soube rodear das maiores comodidades. Referimo nos ao *Monte da Pina* pertencente ao nosso querido amigo José da Silva Telo Rasquilha.

A fachada deste monte denota logo que ali se chega, que o seu proprietário não é aquele lavrador rotineiro que só pensa



A amassaria



Asp. Alva

em adubos e grandes montados de suínos. Não! Ali existe um homem em cujo peito bate um coração que demonstra os maiores motivos agrícolas por José Campas, representando a sementeira, outra de Jorge de os trabalhos da colheita. Numa facha de azulejo lê-se: *Cultiva a terra e a terra vos compensará* tendo ainda na frontaria, também em azulejo, D. Dinis o rei lavrador.

Todas as suas dependências de casa de habitação eram antigos pardieiros, foram transformada a que todo o monte produzisse um conjunto artístico que dispõe ali chega.

Mas, não entrémos apezar da proximidade do nosso bom amigo. Os dias já são pequenos e temos a percorrer. Claro que o interior do *Monte da Pina* com o exterior. Tudo ali respira arte, bom gosto.

Agora transportemo-nos para Elvas, próximo da Barbucena. Mas a que é isto? Dar-se que chegássemos às margens do Reino, onde célebres poetas fariam as castelãs? Vivemos no século XX com as suas habitações em castelos, ou voltamos aos tempos feudais, dos castelos gigantes! Não! Em pleno Alentejo ali é Font'Alva e esse Castelo estilo italiano do século XVI, foi mandado construir por um

ALENTEJANOS



Fachada do Monte do Pina

artista que na Itália recebeu as maiores e mais merecidas homenagens. Foi o grande pintor arquitecto sr. Alfredo de Andrade. E' formidável esse edificio. Nós sentimo-nos pequenos em frente desse artistico e importante palácio. Quem o habita hoje? Algum príncipe? Algum milionário ou algum rei de qualquer artigo?

Não! E' habitado pelos caseiros, e serve para pernoitar quando o seu proprietário vai de visita ás suas herdades! E' um dos nossos mais illustres lavradores; não sendo alentejano é todavia um dos mais dedicados alentejanistas. Referimo-nos ao nosso querido amigo, ao grande benemérito sr. dr. Rui de Andrade, um dos mais distintos colaboradores da *Vida Alentejana*, cujos artigos são firmados por um lavrador alentejano.

Mas para além da Beirã, perto das termas da Fadagosa, mesmo junto á raia de Espanha um outro monte se nos depára como se ele houvesse surgido do sonho de um grande artista. E' o Pereiro, que hoje pertence ao nosso querido amigo sr. João Nunes Sequeira, o dedicado comerciante de Santo Antonio das Areias, e que, sempre que se trata de regionalismo está disposto a dar a sua cooperação desinteressada.

Este nosso amigo já nos albergou uma noite nesse monte onde também se respira arte. Ainda há pouco tempo que o Pereiro foi adquirido por este nosso amigo; conseqüentemente ele ainda não pode mobilar esse autentico santuario de beleza, devidamente. Pois esses quartos que visitámos, mesmo desguarnecidos de mobília são luxuosíssimos. Basta esta afirmação que garantimos sob nossa palavra de honra para que o leitor possa bem avaliar o que é o monte que serve de casal, a uma das maiores herdades de Portalegre.

Mas muitos outros montes nós poderíamos citar que visitámos e são dignos de serem vistos e admirados até pelos artistas mais exigentes. Por exemplo; no distrito de Beja: Torre Vã, (Ourique), Monte Velho, (Odemira), Pereiro, (Ferreira do Alentejo), Gamito, (Alvito), etc. Distrito de Evora: Furada e Esbarrundadouro (Evora). Distrito de Portalegre: Desvário, (Portalegre), Gamito e Crucieira, (Crato), Vale de Paredes e Cego, (Fronteira), Revenduda, (Sousel), Torre do Frade e Quinta de Santo António, (Monforte), Figueira de Cima, (Arronches), e tantos outros que agora nos não ocorrem dignos de serem mencionados neste artigo.

Enfim o Alentejo tem mil e um aspectos interessantissimos que convem divulgar, como resposta aqueles que julgam essa vasta provincia apenas matagal selvagem, sem arte nem beleza, terra maldita sem condições algumas de vida.

Não devemos esquecer o que dizem no norte: *Deus te leve lá para o Alentejo, para esse sertão, terra onde não ha vinho nem pão.*



Fachada principal

MUSA ALENTEJANA

Pobrêsa

À memória de minha mãe

Tem tanta luz a minha mocidade,
que a rua d' amargura em que deslizo,
me parece a brilhar, um doce piso
onde esquecer a magua que me invade.

E o meu coração, sempre indeciso
entre essa fantasia e a verdade,
mata um desejo, apaga uma saudade,
na chama mentirosa de um sorriso.

Ao verem-me passar — eterno crente —
julgam-me f' liz; e então a pobre gente
inveja-me a fortuna e o bem estar.

Mas essa dôr que o meu sorriso encobre,
tornou-me, no entanto inda mais pobre
que os pobres que me invejam ao passar.

Silveira Fernandes



Conselhos práticos para a cultura de hortaliças

Pelo prof. S. Decker

II

E' de primordial importancia usar unicamente sementes de primeira qualidade. Convem, pois, comprá-las em estabelecimentos de absoluta confiança e verificar pessoalmente o seu poder germinativo, comparando depois os resultados obtidos.

Os ensaios são facilísimos. Colocam-se algumas sementes entre duas folhas de papel mata-borrão, que são conservadas sempre igualmente húmidas. Verifica-se, diariamente, o número dos sementes germinadas, anotando-se os resultados numa tabela e calcula-se, finalmente o número de sementes germinadas com relação a cem sementes. Obtem-se, deste modo o «poder germinativo» ou seja a percentagem das sementes germinadas.

O tempo gasto pelas sementes para germinar, indica a sua «Energia germinativa». Existe, porem, uma diferença, ás vezes bastante grande entre as datas obtidas nos ensaios da germinação artificial e as observadas quando as sementes foram deitadas na terra, em virtude da influencia bastante decisiva das condições climatológicas e edáficas.

Quantas sementes são precisas por unidade de superfície? Esta é a questão que se apresenta tantas vezes quantas se quer plantar. A questão é ainda muito justificada pelo facto de serem as boas sementes sempre bastante caras. Não pode haver dúvida que o poder germinativo das sementes, o seu tamanho, a distância de que as plantas necessitam para medrar com exuberância e numerosos outros factores influem muito na quantidade precisa. De um modo geral pode-se dizer que, para tôdas as plantas de condimento e para as de grande porte basta a quantidade contida num cartucho, num «pacotinho» constituindo uma «porção». Agora se se trata de plantas tais como rabanetes, couve-rábanos, cenouras e beterrabas, que se quer cultivar em maior escala ou em sementes sucessivas, convém comprar a «pêso certo».

Com excepção das hortaliças cujas sementes devem ser deitadas logo no lugar definitivo, convém semear em alfobres, caixões ou vasos. Uma prévia transplantação dará a necessária distância, para que as mudas participem da plenitude de luz e ar e da largueza precisa para se desenvolverem e se transformarem em «mudas» fortes providas de inúmeras raízes fibrosas, que garantem um seguro vingamento.

(Continúa).

O MUSEU AGRICOLA

(Continuação da página 1)

Avante, pois, e com o auxílio da Imprensa, especialmente da alentejana, do Grémio Alentejano, da Associação Central de Agricultura, dos Sindicatos Agrícolas e suas Federações, das Associações locais, das Câmaras Municipais, das Juntas Gerais dos distritos, dos Governos Civis, das Comissões de Inicial e de Turismo e de todos os alentejanos — e porque não? — de todo o país, que certamente o secundará no esforço insignificante que é preciso fazer, quando todos contribuírem para pôr de pé tão bela obra, o meu amigo conseguirá ver rapidamente o seu projecto realizado.

Eu estou absolutamente certo que assim sucederá. e se o meu amigo fizer a experiência de abrir a inscrição de sócios para a Associação Rural Alentejana e seu Museu, nas colunas de *Vida Alentejana*, depois de bem exposto o seu objectivo, verá que os alentejanos são bem alentejanistas, e, se para êsse fim eu lhe posso ser prestável, disponha do meu insignificante valor.

Creia-me sempre seu mt.º amº e obg.º

(a) *Henrique Vasques*

Trigos

Delegação da Federação Nacional de Trigos em Beja

Informam-nos que é digno dos maiores elogios o Presidente desta Delegação sr. José Gomes Palma, pelo esforço que tem empregado na solução da aquisição de trigos do concelho e nos seus respectivos pagamentos.

A delegação de Arronches

Tambem o sr. Francisco Romão Tenório, Presidente da delegação de Arronches merece os melhores louvores pelo carinho com que tem tratado o mesmo problema.



Uma linda quinta

Vende-se na Amadora com linda casa de habitação, com todas as comodidades modernas, cuja fachada publicamos. Os que tenham pessoas de família fracas terão toda a conveniência em adquirir esta habitação que é como que um sanatório. Tem agua nativa e garage.

Nesta redacção se dão todas as informações.

Rua da Rosa 105.

PAGINA ANUNCIADORA

Dr. Rosado Baptista

VACINA FIEDMANN, para cura da tuberculose, das 11 às 16. Classes pobres preço de Policlínica, às segundas e quintas. Av. Almirante Reis, 31, 1.º - Tel. N. 4363

SULFÚRIA

ESTABELECIMENTO BALNEAR

Cabeço de Vide

Estancia de aguas minero-medicinaes (sulfo-alcálinas) de poderosa acção curativa nas dermatoses, reumatismo, calculos dos rins e bexiga, entercolites muco-membranosas.

Epoca balnear de 1 de Junho a 31 de setembro

Director clinico:

Dr. Alexandrino Lopes Russo

A Junta de Freguezia de Cabeço de Vide, concessionária destas aguas fornece todas as indicações.

CLINICA MEDICA E DENTARIA

C. do Carmo, 25, s/l-D.
Telefone 2 7146 - LISBOA

Doenças da boca e dentes - Cirurgia da especialidade - Clinica médica.

Dentes artificiaes colocados pelos modernos processos da técnica dentária, garantidos pelo consultorio, quanto á perfeição de execução, boa adaptação á boca e aptos para a mastigação.

PATRICIOS

Inscreevi-vos na

«LUTUOSA NACIONAL»

(ASSOCIAÇÃO SOCORRO MUTUO)

Subsidios de 5, 10, 15 e vinte mil escudos

A mais solida garantia de sobrevivência

Peça hoje a sua inscrição

Entrada dos 18 aos 45 anos

Rua Victor Gordon, 31, 2.º

LISBOA

Telefone N. 5274

J. J. d'Almeida

Cereais, Azeites e Farinhas

Rua de S. Bento, 297 - Lisboa

MIRANDA, LIMITADA

Moagem de cereais ODEMIRA Descasque de Arroz

Correspondente do Banco de Portugal e outros
Representante da Tabaqueira, Atlantic e Posfoeira Portuguesa
Negociante de mercearias, adubos e alfaias agricolas

SERVIÇO DE TRANSPORTES E GARAGISTA

OFICINA DE SERRALHARIA E CARPINTARIA
SUCURSAL EM S. TEOTONIO

Joaquim da Silva Brito Pais

Herdades do Monte Negro, Reguengo, Silveira, Rata e Amejoafra

Exploração Agricola e Pecuária

ESPECIALIDADE EM QUEIJOS E MEL

Monte Negro - VALE DO SADO

JOSÉ JULIO BRITO PAIS FALCÃO

HERDADE DO MONTE VELHO

Exploração Agricola e Pecuária

Colos - ALENTEJO

BLANCO FIALHO

Creadores de bovinos e seleccionada raça alentejana
Reprodutores para venda cuidadosamente escolhidos

Porcos gordos, gado lanigero, caprino, cavalari e muiar

PRODUTORES DE CORTIÇA E CEREAIS

Exploração Agricola e Pecuária - BARRANCOS

Herdade Vale de Paredes

FRONTEIRA

Exploração Agricola e Pecuária

Trigos, cevadas e toda a especie de cereais

LÃS E LATICÍNIOS

João Manuel Palma

SERPA

Produtor e fabricante de azeites, pelos processos mais modernos

Cotação dos produtos agrícolas

Designação	Lisboa	Sousel Feira 29-IX	S. Teotónio (Odemira) Feira 29-IX	Santo António das Areias Feira 30-IX	Odemira 30-IX	Beja merc do 6 de Out.
Aveia, 20 litros	6\$50	7\$00	5\$00	8\$70	6\$00	6\$00
Centeio, 20 litros	11\$00	—	9\$00	14\$00	11\$00	—
Cevada, »	9\$00	9\$00	7\$00	—	9\$00	7\$50
Fava, 20 litros	14\$00	14\$00	14\$00	22\$00	16\$00	14\$00
Grão de bico, 20 litros	26\$00	22\$00	—	—	30\$00	25\$00
Lã } branca, 15 kilos	—	130\$00	—	120\$00	100\$00	—
} preta, »	—	95\$00	—	100 00	90\$00	—
Queijos } cabra, kilo	—	9\$00	—	8\$00	—	12\$00
} ovelha, kilo	—	9\$00	—	9\$00	—	12\$00
Azeite, 10 litros	56\$00	55\$00	—	66\$00	65\$00	55\$00
Cortiça, 15 quilos	—	—	15\$00	—	13\$00	—
Vinho } branco, 500 litros	—	—	—	—	—	450\$00
} tinto, »	—	—	—	—	—	450\$00
Carvão, 15 quilos	—	—	4\$00	—	4\$00	4\$50

Cotação de gados

Designação	Sousel Feira 30-IX	St.* Teotónio Feira 29-IX	S. António das Areias Feira 30-IX	Odemira Setembro	Beja Mercado 6-X
Cavalo de sela	2 500\$00	2.500\$00	2 400\$00	—	2.500\$00
Parelha de cavalos	5.000 00	5 000\$00	4.200\$00	—	5.000\$00
Jumento	400\$000	200\$00	300\$00	—	300\$00
Parelha de muares	8.000\$00	6 000\$00	7 000\$00	—	8 000\$00
Junta de bois	4 500\$00	3.600\$00	3 800\$00	—	2.500\$00
» vacas	3.500\$00	3 000\$00	2.300\$00	—	2 000\$00
Vaca leiteira	—	—	—	—	2 500\$00
Novilhos	—	1.250\$00	1.300\$00	—	1.200\$00
Vitela de 6 meses	—	400\$00	5 000\$00	400 00	600\$00
Carneiros	100\$00	60 00	1.000\$00	35 00	120\$00
Ovelhas	85\$00	40\$00	50\$00	—	85\$00
Borregos	—	35\$00	3\$00	15\$00	30\$00
Cabra leiteira	—	—	110\$00	—	100\$00
Cabrito	—	35\$00	40\$00	15\$00	3 \$ 0
Porco, em vivo	220\$00	arrob 90\$00	40\$00	—	350\$00
Bacoros	100\$00	50 00	100\$00	—	100\$00
Leitão de mês	25\$00	15\$00	22\$00	—	25\$00

Salários médios

Concelhos	Designação de trabalhos	SALÁRIOS				Observações
		H. men ^s		Mulheres		
		A sêco	C/ comida	A sêco	C/ comida	
Sousel	Desmolar	8\$00	—	—	—	—
Marvão—Santo António de Areias	Trabalhos da época	6\$00	4\$00	3\$00	1\$50	—
Odemira—S. Teotónio	Debulhas	8\$00	5\$00	—	—	—
»	Vindimas	4\$00	—	3\$50	—	—
Odemira	Agricultura	7\$00	—	—	—	—
»	Trab. publicas	8\$00	—	—	—	—
Beja	Vindimas e alqueives	8\$00	—	—	—	—

Carnes verdes e fumadas

Designação	Preços por quilograma				
	Lisboa	Sousel	Marvão	Odemira	Beja
Cabra	4\$30	4\$80	4\$00	4\$00	6\$20
Cabrito	6\$00	4\$80	4\$00	4\$00	6\$20
Carneiro	4\$00	4\$80	—	4 00	6\$20
Porco } com osso	10\$00	6\$50	8\$00	7\$00	8\$ 0
} sem osso	14\$00	7\$00	12\$00	10\$00	10\$00
Vaca } com osso	8\$00	5\$00	—	—	6\$00
} sem osso	10\$00	10\$00	—	—	10\$00
Chouriço	16\$00	14\$00	12\$00	18\$00	18\$00
Farinheira	8\$00	8\$00	7 00	—	—
Morcela	8\$ 0	10\$00	7\$ 0	14\$00	16\$00
Paio	24\$00	14\$00	19\$00	—	20\$00
Presunto	15\$00	14\$00	—	—	18\$00
Toucinho	8\$ 0	7\$00	7\$00	8\$00	8\$00
Banha de porco	8\$00	7\$00	7\$50	8\$00	8\$00